

---

ALBERTO PIMENTA

## PÓS-MODERNISMO E TEORIA CRÍTICA?

---

181

**E** SPANTA-ME a parataxe copulativa. Confesso que nunca nenhuma espécie de cópula me espantou, mas espanta-me a ideia de certas cópulas. E esta seria tétrica, caso não fosse (como julgo) antitética.

Se Max Horkheimer é o pai da «Teoria Crítica» como conceito (Bubner, 1969), Adorno é o seu executor até às últimas consequências. Entenda-se por últimas consequências o *não* à chamada «prima philosophia»: «Do não ao pensamento metódico-sistemático resulta consequentemente a negação de *matemática* e *lógica*. Do ponto de vista da 'coisificação' e 'alienação' (ponto de vista que levou G. Lukács, espiritualmente aparentado em mais de um aspecto, a realizar em seu tempo uma vasta crítica da cultura contemporânea), rejeita-se, no âmbito de um pensamento estritamente norteado pela imanência humanista, toda a espécie de matematização como absolutismo lógico ou racionalismo formal (que em Lukács igualmente determina o carácter básico da cultura burguesa). O conceito 'coisificação' abrange para o pensamento dialéctico tudo o que é sentido como auto-alienação do pensamento, especialmente a falta de interesse do lógico (leia-se: representante da prima philosophia) no carácter dinâmico da concepção do mundo. Ao reduzir-se à «operação sis-

temática com simples conceitos, sem tomar em consideração a sua legitimidade material», o pensamento «torna-se coisa» (Müller-Strömdörfer, 1961).

Esta implantação do pensamento de Adorno numa imanência humanista absoluta, cuja legitimidade do conhecimento não pode deixar de passar pela sua fonte material, é que constitui a consciência crítica básica que permite por exemplo a Marcuse construir por sua vez a crítica da sociedade actual como a de «tolerância repressiva»: «[...] a luta pela verdadeira tolerância exige intolerância perante a militarização da ciência, uma 'reviravolta do *trend*', que, eventualmente, terá de vir a ser atingida com meios não-democráticos, uma vez que toda a sociedade está fundada na força» (Marell, 1967). Já Adorno, nas *Minima Moralia*, fizera esta afirmação lapidar: «O cidadão é tolerante. O seu amor dos homens tal como eles são nasce do ódio que tem pelo verdadeiro homem» (Adorno, 1951:27).

A Teoria Crítica pode dizer-se ancorada naquele *não* ao conceptualismo formal da ciência como suporte transcendente da repressão material, e dirigida para a negação total: «Perante o logro desta tolerância repressiva, que procede à integração das alternativas, só pode haver a negação total» (Marell, 1967). Benjamin pode considerar-se um pré- e Habermas um pós-teórico crítico ou crítico teórico. E aqui surge de novo a questão da parataxe.

Não só porque o pós-modernismo, tanto em estética como em antropologia e sociologia, é o próprio arauto de uma nova transcendência mítico-cultural e de um princípio de compromisso tendente a cimentar a «tolerância repressiva», não só por isso. Como bom pragmático e imanentista, Adorno ocupou-se largamente de estética aplicada, e não deixou nunca dúvidas de que só a adequação da consciência ao seu tempo, isto é, só a consciência moderna não é regressiva. No conhecido diálogo radiofónico com von Haselberg, Adorno cita como *pivot* de toda a sua posição crítica de conhecimento uma afirmação de Rimbaud: «Il faut être absolument moderne» (Adorno; von Haselberg, 1965). O diálogo é sobre «a adequação histórica da consciência» e o dito de Rimbaud tem nessa altura quase 100 anos. Adorno reitera-o, não o ajeita para «pós-moderno». O que é absolutamente necessário ser, quer no tempo e na consciência de Rimbaud, quer no tempo e na consciência de Adorno, é moderno, não pós-moderno.

No mesmo diálogo, Adorno afirma que «a ideia que não vai além dos condicionalismos dados e do consenso ocasional, e que se limita a reproduzir o que está, é uma ideia estéril e regressiva». Define ainda esse tipo de ideias com o seguinte enunciado de Kafka: «alegre e oca viagem». Não quero deixar

aqui a ninguém à mínima dúvida de que considero esta «alegre e oca viagem» a mais adequada definição que conheço de pós-modernismo.

O que é moderno, e o que é modernismo (ou seja, a atitude reflexiva e a prática estéticas do moderno) parece-me que é evidente: «A crítica de Adorno ao conceito realista de verdade explica-se a partir da negação da mimese e do postulado de uma verdade *sem representação possível*» (Müller-Strömsdörfer, 1961). Esta pode ser a fundamentação epistemológica da atitude modernista: anti-aristotelismo radical, isto é, recusa da adequação do espírito e do conhecimento aos formais da representação, consciência de que signo e imagem não têm poder de «transporte ontológico», e ainda e sobretudo de que «cultura é controle social» (Harting/Kurz, 1971). Com isto se chega ao fim da fundamentação transcendente da arte, da sua hierarquia, ordem pré-estabelecida e, enfim, chega-se também ao termo da cisão espírito-corpo como reflexo da cisão capital-trabalho.

O pós-modernismo reinstaurou tudo: a arrogância do espírito baseado no seu «valor absoluto», uma nova metafísica de raiz ético-pragmática, a hierarquia tecnocrática, a ordem da «tolerância repressiva»; em poesia, a insistência nos formais sem adequação à realidade; na narração, o historicismo mítico e um neo-neo-realismo («mágico» ainda por cima)... Mimese e mito: «O *Mythos* [...] manifesta-se como a grande antítese não só do espírito esclarecido, como da filosofia dialéctica de Adorno em geral, filosofia cuja 'pátria' não é o 'passado perdido', mas o que fugiu dos dedos sem se realizar» (Müller-Strömsdörfer, 1961).

Pós-modernismo? Já a designação, a falta de nome próprio, o nome pedido emprestado por referências temporal (rejeitada = *pós*), mostra que se trata dum «rabo».

Realmente, tanto em arte como em filosofia, o pós-modernismo é um sucedâneo a que falta cabeça própria para pensar, olhos para ver, ouvidos para ouvir, mãos para sentir, e sexo para... penetrar as coisas ou deixar-se penetrar por elas. Falta-lhe tudo menos o «rabo».

O fenómeno não é novo. Desde que há cultura e adequação ou rejeição cultural, há movimentos e pós-movimentos. Os pós-movimentos entretêm-se a reconstruir os muros que os movimentos romperam e a tapar as janelas que eles rasgaram. Os pós-movimentos são para os movimentos mais ou menos o que a social-democracia é para o 25 de Abril ou Napoleão para a Tomada da Bastilha.

Em termos filosóficos, pode dizer-se que o pós-modernismo cultiva e consagra três fases de desintegração individual apurados por Adorno e registadas por Clemens: «1.

Integração da consciência, por meio duma rede de comunicação manipulada que se torna cada vez mais estreita. 2. Modificação das formas de produção, que tornaram supérfluas as qualidades do indivíduo da sociedade burguesa. 3. Processo «total» de absorção social que levou a modificações da estrutura psicológica dos indivíduos, definíveis como debilitação do ego» (Clemens, 1968).

É curioso que esta «debilitação do ego» é compensado por um narcisismo tecnocrático e cultural elitário que leva a que certas atitudes estéticas, que ainda se consideram de vanguarda, não realizem senão a sanção dos *media* de controle. A par destas, reflorescem naturalmente as atitudes recuperadoras da «história consagrada da cultura» e da crença na capacidade da mediação ontológica da verdade por meio de signos e imagens. O pós-modernismo estético, tal como a ciência, tal como a estrutura política, autoriza-se a si mesmo e utiliza a mesma «tolerância repressiva» que caracteriza a sociedade em geral. Anda quase sempre de mãos dadas com o capital, público ou privado, sob a forma de subsídio ou de investimento. Esta arte pós-modernista é uma nova forma de poder e não de consciência. Reintegra hierarquias e normas e «coisas em que o ser humano se reconhece», para falar com os espiritualistas.

Querem exemplos? Se ficamos na literatura, temos duas mulheres e dois homens exemplares. A modernista Nathalie Sarraute (*Les fruits d'or*) e a pós-modernista Marguerite Yourcenar. Quanto aos homens, que tal se comessem ambos por K e viessem quase do mesmo lugar? Kafka, pois claro; e Kundera, esse génio da sublimação do trivial, que os produtores de telenovelas ainda não descobriram. Se querem exemplos na pintura, no cinema ou na construção civil... procurem-nos. Eu também procurei, e encontrei o seguinte na actual publicidade alemã: para a Companhia de Seguros *Alte Leipziger*, a diferença de profissão e de idade é uma diferença de ... «individualidade» («Der Springende Punkt: Die Individualität»). *Quot erat demonstrandum*.

ps — Não deve ser novidade que a minha obra é uma agressão ao gosto pós-modernista. Pós-modernistas conhecidos sofrem palpitações, dores de cabeça e diarreias ao verem a minha cara, na televisão ou na rua, ou ao lerem entrevistas minhas (a minha obra, claro, não a lêem, só perguntam: «Até onde e quando?»). *SEX-SHOP-SUEI*, a minha última obra, dei-a a ler por maldade a um pós-modernista que se enervou de tal modo que teve de recorrer a assistência médica. Talvez eu assim consiga eliminá-los

*um a um até ao último. Não digam que depois disso não merecia o Prémio Nobel da Paz.*

pps — *Deixei o manuscrito de SEX-SHOP-SUEI para fotocopiar na papelaria Veríssimos no Largo de Camões. Quando fui buscá-lo à tarde, a Carla Alexandra confessou que durante a hora de almoço deitou uma vista de olhos e depois não resistiu, leu-o todo. Não entendeu tudo, sobretudo as coisas estrangeiras. E achou também um bocadinho forte, em certos pontos. Disse também que gostava muito do Romeu e Julieta, que eles tinham mesmo de morrer, era a única maneira de a gente ficar a perceber que se amavam muito. Ainda quis saber se o anúncio do «Gato Sapato», de São Paulo, era verdade ou mentira.*

*— É verdade, minha querida, mas S. Paulo infelizmente fica longe.* ■

Alberto Pimenta

## Referências Bibliográficas

- 186
- |  |      |  |
|--|------|--|
| Adorno, Theodor                              | 1951 | <i>Minima Moralia</i> , Frankfurt M.   |
| Adorno, Theodor;<br>von Haselberg,<br>Peter. | 1965 | «Über die geschichtliche Angemessenheit des Bewusstseins», <i>Akzente</i> , 6, 487-97.                                 |
| Bubner, Rüdiger                              | 1969 | «Was ist kritische Theorie?» <i>Philosophische Rundschau</i> , 16, 3/4, 213-73.  |
| Clemens,<br>Manfred                          | 1968 | «Theorie als Praxis? Zur Philosophie und Soziologie Theodor W. Adornos», <i>neue politische literatur</i> , 2, 178-94. |
| Harting, Matthias;<br>Kurz, Ursula           | 1971 | <i>Sprache als soziale Kontrolle. Neue Ansätze zur Soziolinguistik</i> , Frankfurt/M.                                  |
| Marek, Franz                                 | 1967 | «Perspektiven der Industriegesellschaft», <i>Weg und Ziel</i> , 464-73.  |
| Müller-<br>-Strömsdörfer,<br>Ilse            | 1961 | «Die 'helfende Kraft' bestimmter Negation», <i>Philosophische Rundschau</i> , 8, 2/3, 81-105.                          |